

## LÚDICO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COM CRIANÇAS AUTISTAS: UMA ABORDAGEM SOCIOINTERACIONISTA

Letícia Dantas Ferreira, Tatiana Cristina Vasconcelos (Orientadora)

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB*  
*leticriadantas220698@gmail.com*  
*vasconcelostc@yahoo.com.br*

### INTRODUÇÃO

Muito têm se discutido nos dias atuais sobre a educação inclusiva de crianças autistas no Brasil. Trabalhos como o de Matos (2014) e Silveira (2015) salientam a relevância desse tema, principalmente no que está relacionada a real inclusão dessas crianças nas aulas de Língua Inglesa (LI), uma vez que não basta apenas inserir o aluno/criança portador de alguma deficiência e/ou transtorno em sala de aula, se faz necessário nesse contexto que o professor busque métodos, técnicas, recursos didáticos e todo aparato necessário de modo a atender às necessidades do aluno e que propicie o desenvolvimento pleno da criança.

O autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento, no DSM V considerado como Espectro autista, uma vez que o grau de autismo pode variar entre grave, clássico e Síndrome de Asperge, afetando principalmente três áreas do desenvolvimento: o comportamento, a interação social e a comunicação. A depender do grau o portador poderá apresentar dificuldades, de maior ou de menor proeminência, na reciprocidade comunicacional, tanto socialmente como a ideia de lugar social ocupado, quanto emocionalmente no que se refere aos aspectos de entonação e de situação sócio-comunicacional, bem como a aderência inflexível às rotinas e a padrões restritos e repetitivos de comportamento, além de certa limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos sociais.

Diante disso, surge então a necessidade de analisar possibilidades de inclusão e interação de crianças autistas nas aulas de LI por meio do lúdico. Sendo as aulas de LI um ambiente que propicia a interação com outras pessoas, outras culturas, outros povos e outras formas de conhecer e conceber o mundo (SILVEIRA, 2015). Nesse contexto, a ludicidade atua como recurso que estimula a socialização da criança e a interação desta com o meio social no qual está inserido, além de ser um elemento propulsor para a motivação da criança e consequentemente poderá ajudá-la a obter um melhor desempenho na aprendizagem de uma segunda língua (ROCHA, 2015).

Partindo de uma perspectiva de pesquisa bibliográfica e tomando por base o trabalho de Matos (2014), discutiremos como se dá a aplicação de duas atividades lúdicas que demonstram que a inclusão e integração de crianças autistas na aula de LI são possíveis. Atividades estas que são executadas diante da interação da criança autista com os demais alunos e que o professor atua como agente facilitador/mediador do conhecimento. Essa abordagem enfatiza o aspecto sociointeracional do ensino/aprendizagem, em que o conhecimento é formado a partir da interação com o meio e com os outros indivíduos, mediado por um aprendiz mais experiente (LUCCI, 2006).

Isto posto, consideramos que atividades que visem promover a interação da criança autista com os demais colegas são imprescindíveis para o desenvolvimento da mesma, visto que, ao

promover a interação, a criança poderá aprimorar suas habilidades comunicacionais e de consciência social, assim sendo essas limitações, inerentes a criança autista, poderão ser amenizadas e superadas. Diante do exposto, o presente texto objetiva discutir sobre o papel das atividades lúdicas no ensino de LI junto a crianças autistas.

## **METODOLOGIA**

Nosso estudo alinha-se à pesquisa bibliográfica e tem como *corpus* de análise um artigo intitulado “Estudo de caso com um aluno autista: possibilidades diante da prática pedagógica em língua inglesa”, de Estefânia Laryssa Lopes de Matos publicado no IV Colóquio Internacional Educação, cidadania e exclusão: didática e avaliação, de 2015.

As atividades lúdicas relatadas no estudo de Matos (2014) buscam ajudar a desenvolver a sociabilidade da criança autista (P), bem como sua interação com os que estão ao seu redor, uma vez que a criança participante da pesquisa apresentava dificuldades na interação social, além de isolar-se e manifestar dificuldades na compreensão e presença constante de olhares perdidos. Os dados analisados são especificamente duas atividades lúdicas apresentadas pela autora que foram desenvolvidas com crianças autistas nas aulas de LI. Como base teórica para o desenvolvimento deste estudo, nos ancoramos em: (i) Lucci (2006) a respeito da perspectiva sociointeracional; (ii) Silveira (2015), que discorre sobre a relevância do ensino de língua inglesa para crianças autistas; (iii) Rocha (2015) acerca da ludicidade como método de ensino na língua inglesa e (iv) Matos (2014) sobre possibilidades do ensino de língua inglesa para crianças autistas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao pensarmos nas características de uma pessoa autista geralmente remetemos a alguém isolado, que não fala e que está sempre balançando seu corpo de forma repetitiva ou brincando com algum objeto incansavelmente. De certo modo essa imagem pode até ilustrar uma pessoa autista, mas não é apenas isso (SILVEIRA, 2015). De acordo com o Diário Oficial da União (2012 *apud* OLIVEIRA, 2012) uma pessoa autista possui, entre outras características, deficiência significativa da comunicação e na interação verbal e não verbal, com ausência de reciprocidade social, e apego excessivo a rotinas e padrões de comportamento.

Dessa forma, uma criança autista apresentará dificuldades em socializar, interagir com os colegas e terá uma forma própria de desenvolver as atividades. É importante que o professor desenvolva tarefas que visem influenciar a autonomia da criança (MATOS, 2015) para que a inclusão educacional realmente ocorra e para que essa criança possa desenvolver habilidades comunicacionais tanto na língua materna quanto na LI.

Diante disso, Matos (2015) investigou em seu trabalho as principais dificuldades enfrentadas por uma criança (P) em uma escola regular privada em Campina Grande – PB. A criança foi identificada com autismo clássico, já que o aluno falava e compreendia, no entanto este não utilizava a fala como instrumento de interação social, o que acabava dificultando a relação aluno-professor, bem como professor-aluno e deste com o meio social. Buscando integrar a criança autista nas aulas de LI, a autora apresenta duas atividades lúdicas e visuais para o ensino de vocabulário em LI. A primeira consistia no ensino de vocabulário através de imagens e de objetos além de haver a inserção de frases e expressões que poderiam ser utilizadas em sala de aula. Na atividade mencionada foi trabalhado o vocabulário relacionado ao contexto social em que o aluno estava inserido, especificamente palavras como *water*, *bathroom*, *pen* e *park*. Para a explicação do significado das palavras ora foi utilizado o objeto real,

para *water* e *pen*, ora a imagem do objeto, para *bathroom* e *park*. Frases como *Can I use your pen?* /*Can I play at the park?* /*May I go to the bathroom?* /*Can I drink water?* Também foram trabalhadas. Essas frases foram utilizadas visando incentivar a interação e o respeito entre os alunos dentro da sala de aula utilizando a língua-alvo uma vez que tais expressões são usadas cotidianamente no ambiente escolar. Dessa forma, a criança pode desenvolver o respeito ao local em que está inserido bem como aos que estão envolvidos nesse contexto.

A segunda atividade se baseava no uso de um jogo da memória para revisar o vocabulário previamente estudado bem como promover interação entre os sujeitos. Os alunos deveriam sortear uma imagem e a frase respectiva à mesma. Por exemplo, se fosse sorteada a imagem de um garoto bebendo água a frase respectiva deveria ser *Can I drink water?*; se a imagem fosse de uma criança no banheiro a frase apropriada seria *May I go to the bathroom?*, e assim por diante. Após sorteada a imagem e a frase respectiva, os alunos deveriam dizer em voz alta a frase retirada bem como mostrar a imagem aos demais colegas. Dessa forma, o jogo seguia certa rotina, fator positivo para o aluno autista, e não exigia muitas mudanças por parte dos jogadores. A autora ainda relata que a atividade foi executada tranquilamente por P e o mesmo interagiu de forma significativa com os outros colegas. Ao final desta atividade foi possível verificar que P pode interagir com os demais alunos, houve o comportamento diante das regras, assim como a aquisição de um novo vocabulário e autonomia por parte do aluno, o qual conseguiu seguir o ritmo do jogo,

As atividades acima relatadas enfatizam o caráter lúdico da aprendizagem, uma vez que é através da ludicidade que a criança pode estabelecer relações sociais com o grupo em que está inserido, estimulando seu raciocínio, socializando e sentindo-se motivado a aprender (ROCHA, 2015). Dessa forma, através da relação com os outros e por meio da ajuda dos colegas na execução das atividades, o indivíduo autista pode desenvolver suas habilidades comunicacionais e assim melhorar sua aprendizagem a partir dessa interação entre os sujeitos e com o meio que integram o lugar social onde a criança está inserida.

## CONCLUSÕES

A partir da discussão acerca do papel de atividades lúdicas e sua influência na aprendizagem de crianças autistas, conclui-se que tais atividades oportunizam maior interação com outras crianças e com o meio social em que a criança autista está inserida o que contribui para desenvolver suas habilidades comunicacionais, de empatia e de consciência acerca de seu lugar social. Além do caráter lúdico desempenhar um papel importante no que tange à motivação e engajamento da criança podendo assim proporcionar um melhor desempenho na aquisição e apropriação de LI.

É por meio da linguagem e da interação que o indivíduo se constrói e constrói o mundo ao seu redor. “É pela comunicação estabelecida na interação que ocorrem ‘negociações’, reinterpretções das informações, dos conceitos e significados” (LUCCI, 2006). É por meio da interação que as dificuldades na socialização de crianças autistas poderão ser superadas.

A guisa de conclusão consideramos que o papel do professor diante do processo de ensino/aprendizagem será de mediador do conhecimento, uma vez que este buscará aprimorar-se afim de melhorar suas práticas pedagógicas com o intuito de promover uma aprendizagem mais autônoma e efetiva. Dessa forma o ambiente escolar se torna um momento propulsor de promoção à inclusão, visando incentivar desde cedo a aceitação, o respeito e a integração social, Embora algumas crianças ainda não tenham formado certos estereótipos, como os relacionados a raça, cultura e necessidades especiais, as ações inclusivas, mesmo que de forma implícita, poderá ajudá-los a crescer e se tornarem conscientes acerca

das diferenças entre as pessoas. Neste contexto, o conceito de inclusão social e inclusão escolar precisa ser incluído nos registros de professores e crianças, a fim de ajudá-los a lidar com as diferenças dentro da sala de aula e na sociedade.

## REFERÊNCIAS

LUCCI, Marcus, Antonio. **A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica.** In: Revista de currículum y formación del profesorado. v.10, n.2. 2006.

MATOS, E. L. L. de. **Estudo de caso com um aluno autista: possibilidades diante da prática pedagógica em língua inglesa.** 2015. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO\\_EV047\\_MD1\\_SA\\_7\\_ID1424\\_08062015215619.pdf](https://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD1_SA_7_ID1424_08062015215619.pdf). Acessado em junho de 2018. OLIVEIRA, Fernanda, L.F de. **A criança autista na educação infantil.** Recorte do trabalho de conclusão de curso (Graduação em pedagogia) A importância da educação infantil para a criança autista. In: REP's – Revista Even. Pedagog. – Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares. v.8, n.2 (22 ed). p. 779-796, ago./dez. 2017.

ROCHA, Francisco, Rosa, da. **A ludicidade como método de ensino na língua inglesa.** In: Revista de educação, ciência e tecnologia do IFAM. v.9, n.2. Dezembro, 2015.

SILVEIRA, S. N. S. et al. **A criança com autismo e o aprendizado da língua inglesa: caminhos que se entrelaçam.** In: Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v.8, n.1. 2015.